

31/

Entrevista com Mariano Gago sobre as Jornadas Tecnológicas

Investigadores consideram-se maduros para assumir maiores responsabilidades

ROBERTO CORDEIRO

«As Jornadas Nacionais de Investigação Científica e Tecnológica devem realizar-se de dois em dois anos e tornar-se numa actividade regular para o País», defendeu o prof. Mariano Gago, presidente da JNICT, ao fazer, para o DN, um balanço do que foram as primeiras jornadas, que considerou «extremamente positivas».

ESPECIALISTA em Física de Partículas (Física Nuclear) e responsável da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, promotora das Jornadas Científicas, Mariano Gago sustenta que, desde que esteja autorizada, esta iniciativa deve repetir-se bianualmente como «um processo normal de reflexão e de contacto com o público por parte da comunidade científica portuguesa».

Referiu, a propósito, que estes encontros — como agora ficou demonstrado —, servem, também, para que «os cientistas se conheçam entre si», acentuando o facto de «haver muitos colegas que só agora, com as primeiras jornadas, se ficaram a conhecer pessoalmente». Realçou o mesmo aspecto para as diversas instituições da investigação científica e tecnológica, bem como para empresas, laboratórios e universidades.

Tais factos, aliás, na opinião do prof. Mariano Gago, foram dos «mais relevantes das Jornadas», frisando, consequentemente, que «as actividades (científicas e tecnológicas) passam, sobretudo, pelos indivíduos, pelas pessoas, e não só pela frieza dos números».

E isto porque, disse, «um projecto pode implicar que uma pessoa esteja anos de vida a trabalhar num determinado assunto e, para isso, é preciso acreditar no que se está a fazer e naqueles que o fazem», e isso, naturalmente, personoa no conhecimento de pessoas e instituições.

Mariano Gago sublinhou, por outro lado, a necessidade de «o público ter conhecimento das actividades da comunidade científica, especialmente nesta fase de desenvolvimento», uma vez que «a comunidade científica tem de prestar contas ao País daquilo que está a fazer ou se propõe realizar».



Prof. Mariano Gago ao DN: «É necessária uma dotação de verbas que permita uma intervenção mais eficaz à JNICT, por forma a imprimir maior nível de qualidade ao trabalho executado».

Nada será como dantes

Depois das Primeiras Jornadas Nacionais de Investigação Científica e Tecnológica — que de 11 a 15 deste mês reuniram em Lisboa centenas de técnicos portugueses e estrangeiros para debater e analisar as mais diversas áreas da ciência — «nada será como dantes». Isto é, como sublinhou o nosso entrevistado, «foi lançado um sentimento de desafio, que nos leva a acreditar nas nossas próprias possibilidades». De resto, acrescentou, durante os trabalhos, ficou transparente que «afinal há investigação em Portugal» e também que «não somos tão maus como isso...».

As Jornadas fizeram ainda evidenciar que «estamos maduros para assumir publicamente responsabilidades maiores» face ao País e especialmente

para formar a juventude, de maneira a poderemos «construir um País pequeno mas harmoniosamente desenvolvido». Quanto aos jovens, Mariano Gago congratulou-se com «a significativa e estimulante presença nos trabalhos de muita gente nova — sobretudo estudantes e outros que acabaram de encerrar-se —, dado que classificou de «enormemente encorajador». Até porque, acentuou, «é jovem a comunidade científica portuguesa, uma vez que a maior parte dos nossos cientistas formou-se nos últimos 15 anos», pelo que as suas idades médias «são baixas».

Noutro passo da sua entrevista ao DN, Mariano Gago salientou ter insistido muito, nas Jornadas, «que o desenvolvimento da cultura científica em Portugal não pode ter filhos e enteados», ou seja, «impõe-se um desenvolvimento harmonioso entre todas as ciências (sociais, humanas, etc.)». E isto na medida, disse, «em que um País é um todo, não pode crescer só com um abraço ou uma perna...».

Nesta ordem de ideias, para Mariano Gago «a cultura de um país passa por especializações, é certo, mas também por uma grande coerência da cultura no seu todo».

Estimular o jornalismo científico

Durante as Jornadas, Mariano Gago anunciou a atribuição de prémios pecuniários, no valor de 600 contos, para estimular o jornalismo científico, praticamente inexistente no nosso país. Tais prémios compreendem 600 contos em dinheiro (200 contos para trabalhos na Imprensa, na Rádio e na Televisão) e, ainda, uma viagem a centros de investigação situados no estrangeiro, com aplicação a partir deste ano.

No decurso desta entrevista, e perante a nossa insistência, o presidente da JNICT disse-nos «achar mais» não haver jornalismo científico em Portugal, defendendo que ele «faz tanta falta como os biólogos e os químicos» e que é, como a investigação científica a tecnológica, «uma parte do desenvolvimento do País».

Assim, para o incentivar, além dos prémios anunciados, no sentido de «dignificar padrões de qualidade», Mariano Gago revelou que a JNICT «está aberta a todas as sugestões e propostas». E revelou, na sequência destas medidas, que vai «promover estágios de jornalistas em instituições de investigação nacionais, de uma forma regular». Outra iniciativa prevista, disse-nos o presidente da JNICT, será «a criação de cursos intensivos para jornalistas que queiram dedicar-se a certas áreas do jornalismo científico», para que os jornalistas interessados possam sentir-se «apoiados e responsáveis» nos diversos domínios de um trabalho aliciante e relacionados com contactos (com cientistas e instituições), fontes de notícias importantes e adequadas às suas

reportagens, interpretação das informações obtidas, bem como poderem saber quais os livros, os filmes e a documentação essenciais ao seu trabalho de divulgação e, ainda, quais os centros de investigação que devem visitar e entender, a partir daí, quais são as «novidades geniais» e as que «não interessam ou não passam de especulação».

Este intercâmbio de ideias e de experiências vai certamente concorrer para mudar o panorama do jornalismo científico em Portugal, obrigando-o, então, a critérios de rigor e de conhecimentos que, por enquanto, só num ou noutro caso são perceptíveis. Mas que, noutros países, são uma importante vertente da Comunicação Social.

*Investigação científica
Jornadas*

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

INVESTIGAÇÃO/CIENCIA/OPINIÃO

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

3/2

te radicados no estrangeiro e empregados em organizações científicas de outros países. No entanto, fez notar, «é difícil fornecer um número exacto de quantos cientistas portugueses, nestas condições, se encontram fora do País». Contudo, adiantou, «a JNICT está neste momento a proceder a essa estimativa».

Mariano Gago acrescentou, que, de todas as áreas científicas tratadas nas Jornadas, «aquela onde existem mais cientistas portugueses no estrangeiro é, talvez, a área da Imunologia». Mesmo assim, «serão menos de dez».

Em sua opinião, «à escala global, é insignificante e reduzido o número de cientistas portugueses radicados no estrangeiro». Os quais, seja como for, fazem falta ao (seu) País.

Optimismo quanto ao futuro

Considerando as Primeiras Jornadas Nacionais de Investigação Científica e Tecnológica «um êxito» e «extremamente positivas», não só pelas vastas áreas discutidas como pelo relacionamento entre participantes e instituições, o presidente da JNICT afirmou, em resposta a uma nossa pergunta, que «o Estado e o País já olham a JNICT de uma maneira diferente», particularmente «nos últimos dois anos». Em sua opinião, a JNICT, criada em 1967, «foi concebida de uma forma extremamente moderna», passando a desempenhar um papel relevante na vida científica portuguesa. De facto, acentuou, a instituição «introduziu diversas e importantes inovações na investigação científica e tecnológica do País». Por exemplo, assumiu a coordenação das várias instituições e do seu funcionamento. Mas, advertiu, «não há coordenação sem meios para financiar a pesquisa».

É verdade, disse, que as verbas atribuídas à JNICT aumentaram, mas, apesar disso, continuam a ser «pequenas face à totalidade do orçamento científico e tecnológico, situando-se apenas nos 15 por cento». E lembrou que o financiamento deve ser feito «por temas e não por instituições», contribuindo

para a abertura do diálogo entre estas últimas, por forma a saber-se «como é que se vai executar este ou aquele programa».

De qualquer maneira, Mariano Gago mostra-se optimista em relação ao futuro (da JNICT e da investigação científica e tecnológica em Portugal), frisando a importância do reforço do papel coordenador da JNICT, em matéria nacional e de representação internacional científica.

Revelou, por fim, que o material debatido nestas Primeiras Jornadas Científicas vai ser estudado e publicados os assuntos mais significativos. Note-se que as sessões foram totalmente gravadas em vídeo. A partir do resultado destas Jornadas, «vão ser elaborados programas com as instituições encarregadas de os executar».

Cinco dias de conhecimento

Durante cinco dias, o jornalista acompanhou os trabalhos e os debates realizados no Forum Picoas. Foram cinco dias de conhecimento e de saber novos. Foram cinco dias em que os jornalistas portugueses puderam constatar a enorme importância que a ciência e a tecnologia têm no efectivo desenvolvimento de um país, de qualquer país que não pretenda — e Portugal não pretende — recusar os espantosos desafios do futuro. Que já está aí!

A presença do Presidente da República na sessão inaugural, e do primeiro-ministro na sessão de encerramento, atestam isso mesmo. Bem como, saliente-se, a participação de prestigiados organismos estrangeiros e de especialistas de diversos países. Para além, evidentemente, dos cientistas portugueses que ali mostraram que, apesar de décadas de atraso a que Portugal foi obrigado, estão atentos ao futuro e ao que deles se espera para o alcançarmos. Com dignidade.

Uma palavra de apreço para o trabalho do Gabinete de Imprensa das Jornadas, que funcionou impecavelmente, sob a responsabilidade de Vítor Bandarra, Francisco Neves, Dulce Anahory, Vítor Marreiros e Rui Trindade.

«Insignificante o número de cientistas portugueses no estrangeiro»

Uma outra questão que colocámos a Mariano Gago prendeu-se com o número de cientistas portugueses radicados no estrangeiro. Mariano Gago respondeu que esse número «é insignificante». E explicou que há os jovens cientistas que se encontram no estrangeiro, mas por razões relacionadas com a sua formação (estágios, doutoramentos, etc.), o que é, disse, «um fluxo normal de circulação, durante um certo período de tempo», e por outro lado, há os cientistas que estão realmen-



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Diá

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Investigação Científica - Jornadas